

A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E DEUS NA OBRA TEMOR E TREMOR DE KIERKEGAARD

THE RELATIONSHIP BETWEEN MAN AND GOD IN KIERKEGAARD'S FFEAR AND
TREMBLE

José Aparecido Pereira¹
Eduardo Mateus Guimarães Rossi²

Resumo:

O assunto a ser discutido no presente artigo se encontra relacionado à filosofia de Søren Kierkegaard, considerado o fundador do existencialismo cristão, que viveu no período contemporâneo. Defendeu a subjetividade como fundamental para a existência humana. O objetivo principal deste artigo consiste em responder a seguinte questão: quais componentes estruturam a relação homem e Deus na obra *Temor e tremor* de Kierkegaard? Os procedimentos metodológicos adotados se orientaram pela leitura, análise e interpretação da referida obra e textos dos seus estudiosos. O artigo está dividido em três tópicos. No primeiro, trata-se de compreender o conceito de angústia como uma condição essencial que permeia toda a existência humana. No segundo, apresenta-se as principais características do homem nos estádios de vida estético e ético. E por fim, no terceiro tópico, discutir-se-á sobre a relação do homem e Deus, no estágio religioso, a partir da figura de Abraão. Acredita-se que a relevância do tema estudado no artigo está em proporcionar ao leitor uma reflexão sobre a relação entre o homem e o divino, ressaltando que a fé e o compromisso pessoal são essenciais para lidar com as incertezas da vida.

Palavras-chave: Abraão; Angústia; Existência; Fé; Kierkegaard

Abstract:

The subject to be discussed in this article is related to the philosophy of Søren Kierkegaard, considered the founder of Christian existentialism, who lived in the contemporary period. He defended subjectivity as fundamental to the human experience. The main objective of this article is to answer the following question: what components structure the relationship between man and God in Kierkegaard's work *Fear and Trembling*? The methodological procedures adopted were guided by the reading, analysis and interpretation of the aforementioned work and texts by its scholars. The article is divided into three topics. In the first, it is about understanding the concept of anguish as a fundamental condition that permeates all human existence. In the second, the main characteristics of man in the aesthetic and ethical stages of life are presented. And finally, in the third topic, we will discuss the Individual and his relationship with God, in the religious stage, based on the figure of Abraham. It is believed that the relevance of the topic studied in the article lies in providing the reader with a reflection on the relationship between man and God, highlighting that faith and personal commitment are essential to dealing with life's uncertainties.

Keywords: Abraão; Anguish; Existence; Faith; Kierkegaard

¹ Doutor em Filosofia e coordenador do Curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Cidade Verde (uniCV). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4718-2118>, E-mail: pzez@bol.com.br

² Graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde; Graduação em Matemática pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4147-7560>, E-mail: materossi29@gmail.com

Introdução

O assunto a ser discutido e desenvolvido no presente artigo se encontra relacionado à filosofia de Søren Kierkegaard, pensador dinamarquês do século XIX. Sua vida foi, de certa forma, atormentada em decorrência de problemas familiares. Presenciou a morte de irmãos, irmãs e sua própria mãe, além de uma frustração no campo amoroso com sua noiva chamada Regina Olsen. Nessa direção, Kierkegaard desenvolveu uma filosofia que o levou a refletir sobre suas crises existenciais, defendendo a subjetividade e a experiência individual como elementos centrais da existência humana.

Tendo em vista isso, o objeto de estudo do presente artigo pode ser explicitado através da seguinte questão: quais componentes estruturam a relação homem e Deus na obra *Temor e tremor*? Para responder a essa questão, teve-se como referencial teórico a obra supracitada do filósofo pesquisado. Além disso, utilizou-se parcialmente das obras mais proeminentes do filósofo, a saber, *Diário de um sedutor*, *O conceito de angústia*, *O desespero humano: doença até a morte*, *Ou-ou: um fragmento de vida*, bem como textos dos estudiosos que se dedicaram a interpretar a filosofia desse pensador.

Os procedimentos metodológicos adotados para a construção desse artigo se orientaram pela leitura, análise e interpretação dos textos de Kierkegaard e de seus estudiosos. O artigo está dividido em três tópicos. No primeiro, trata-se de compreender o conceito de angústia como uma condição essencial que permeia toda a existência humana. No segundo, apresenta-se as principais características do homem nos estádios estético e ético, isto é, os modos de viver do Indivíduo em momentos específicos de sua existência. E por fim, no terceiro tópico, discutir-se-á sobre o homem e a sua relação com Deus, no estágio religioso, a partir da figura de Abraão, a luz da obra *Temor e tremor*. Acredita-se que a relevância do tema estudado no artigo está em proporcionar ao leitor uma reflexão sobre a relação entre o homem e o divino, ressaltando que a fé e o compromisso pessoal são essenciais para lidar com as incertezas da vida.

O conceito de angústia na filosofia de Kierkegaard

A angústia é tema central na filosofia de Kierkegaard. Nos estádios da existência, propostos pelo filósofo, a saber, o *estético* (o prazer), o *ético* (a liberdade) e o *religioso* (a fé), a angústia se apresenta. Para tratar desse tema, Kierkegaard em sua obra *O conceito de angústia* relaciona o conceito ao pecado original de Adão e Eva. Demonstra que a angústia é um reflexo da condição *humana caída*³ e da liberdade de escolha. O ato de desobediência de Adão e Eva desencadeou a consciência do bem e do mal, e com ela, a angústia existencial de lidar com a liberdade de escolha e suas consequências. Dito isto, pretendemos neste tópico apresentar, de um modo geral, o conceito de angústia para Kierkegaard, porém, sem entrarmos propriamente nos méritos da discussão do contexto de Adão e Eva. Por conseguinte, apresentaremos as implicações da angústia em relação a fé. Para isso, vamos dar maior atenção ao capítulo V da obra *O conceito de angústia*.

A angústia está enraizada à liberdade e às possibilidades que temos na vida, pois ela “é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”

³ Refere-se ao estado do ser humano que, ao se afastar de Deus, vive a angústia e a desorientação.

(Kierkegaard, 2017, p. 53). Pode-se entender a angústia como uma espécie de sentimento que surge da consciência da nossa liberdade e da infinidade de possibilidades que temos antes de qualquer escolha. Nesse sentido, a angústia não é concebida como algo negativo, mas sim, uma manifestação da própria condição inerente ao homem, diante da liberdade.

A angústia surge do confronto entre o Indivíduo⁴ e o que ele pode se tornar, ou seja, diante de suas infinitas possibilidades de ser. A origem da angústia está no reconhecimento da liberdade de escolha, que também carrega o peso da responsabilidade, desse modo, esse sentimento se intensifica, pois ao se deparar com suas opções, o homem percebe que qualquer escolha envolve a renúncia de outras possibilidades, gerando um profundo senso de incerteza e vulnerabilidade. De acordo com o filósofo, a angústia é o vértice no qual o homem se descobre perante o abismo de suas possibilidades (Kierkegaard, 2017, p. 81), ou seja, é uma condição inevitável que precede o ato decisivo de se comprometer com uma escolha e, por consequência, com sua própria existência, sendo assim um componente essencial do processo de se tornar um *eu autêntico* (Indivíduo). Por consequência, compreende-se que a angústia é própria da natureza humana e, assim, não pode ser concebida de modo algum em animais, visto que estes não possuem a mesma liberdade e consciência que os homens têm, pois agem puramente por instinto e, além disso, “este [animais] em sua naturalidade não está determinado como espírito” (Kierkegaard, 2017, p. 53). Nesta direção, afirma o filósofo que:

se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano, mas não, contudo, no sentido em que os homens em geral o consideram, referindo a angústia a algo externo, como algo que é exterior ao homem, e sim no sentido de que ele mesmo produz a angústia (Kierkegaard, 2017, p. 201).

Assim, a angústia é um constitutivo ontológico do ser humano, que resulta da sua natureza dupla, sendo ao mesmo tempo físico e espiritual e, ao contrário dos animais ou os anjos, o ser humano sente angústia porque em sua dimensão espiritual (interior) tem a capacidade de enfrentar as possibilidades e decisões inerentes à sua liberdade. Com isso, quanto mais profundamente alguém sente a angústia, mais plenamente ele experimenta sua humanidade, pois em nenhum caso, a angústia é tida como uma imperfeição do homem, mas, “ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia” (Kierkegaard, 2017, p. 72). Além disso, a angústia se apresenta com um caráter ambíguo, sendo atraente e, ao mesmo tempo, perturbadora, pois possibilita pensar e refletir constantemente, de uma forma sutil, mas também, a *insinuar* diante de muitas possibilidades e que não se mostram como escolhas claras. Nesta direção, o filósofo afirma que “na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angustia, insinuante, com sua doce ansiedade” (Kierkegaard, 2017, p. 82). Em outro momento, Kierkegaard utiliza a seguinte expressão para mostrar esta ambiguidade paradoxal: “a angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática” (Kierkegaard, 2017, p. 54).

⁴ Como se trata de um dos conceitos centrais da filosofia de Kierkegaard, o termo “Indivíduo” será escrito em letra maiúscula sempre que aparecer no texto. Isso reflete a ideia do que o ser humano deve almejar em sua vida, além de enfatizar sua singularidade. Na visão de Kierkegaard, o Indivíduo é visto como um agente único e responsável por suas escolhas existenciais.

Tal ambiguidade se mostra ainda mais intensa nas mudanças de estádios, sobretudo, no estágio religioso, ainda que nele as escolhas são feitas pautadas na fé. O homem estará diante de possibilidades de escolhas em que acredita, porém, mesmo acreditando nem sempre são claras para si e a angústia, por sua vez, é “o indicativo de que não há segurança e firmeza, quando se realiza a passagem de um estágio para o outro, mas notadamente, no horizonte da fé a ausência de segurança é maior” (Pinto, 2021, p. 330). Por isso, Kierkegaard afirma que a angústia é “a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões” (Kierkegaard, 2017, p. 202). Desse modo, podemos notar que a angústia ajuda a superar as ilusões das coisas finitas e direciona a uma compreensão mais profunda da nossa existência, sendo imprescindível a fé neste processo, pois é ela que oferece a perspectiva e a força necessária para transformar a angústia em uma ferramenta de *realização espiritual*.

Neste sentido, no caso de Abraão, fala-se acerca de sua fé, mas “o que se omite na história do patriarca? A angústia” (Kierkegaard, 1984, p. 124). É justamente a angústia conjugada a sua fé, durante a *prova de fé*, que torna Abraão quem ele é, pois de fato, “é o modo pessoal como este constituiu a sua fé, acreditando em Deus nas provações angustiadas e únicas de sua existência, que o levou a tornar-se o cavaleiro da fé” (Pinto, 2021, p. 343). Sobre a angústia como elemento para a fé, Kierkegaard explica:

sendo o indivíduo formado pela angústia para a fé, a angústia então há de erradicar justamente o que ela mesma produz. A angústia descobre o destino, mas quando então o indivíduo quer pôr sua confiança no destino a angústia se reverte e expulsa o destino; pois o destino é como a angústia, e a angústia é como a possibilidade uma carta de bruxa (Kierkegaard, 2017, p. 206).

A angústia é, portanto, essencial para a formação da fé, pois revela a natureza da nossa liberdade e a realidade e apresenta a fragilidade da confiança em qualquer ideia fixa de destino, uma vez que o destino e a angústia compartilham um aspecto duvidoso e complexo. Mediante a isso, enfrentar a angústia e se transformar através dela é fundamental para superar a insegurança existencial e encontrar uma fé verdadeira e autêntica. Por conseguinte, afirma o filósofo: “aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude. A possibilidade é, por conseguinte, a mais pesada de todas as categorias” (Kierkegaard, 2017, p. 202).

Dessa maneira, ao nos confrontar com a vasta gama de possibilidades na vida, a angústia possibilita formar o Indivíduo para compreender e lidar com a infinitude da existência. A consciência de todas essas possibilidades é uma carga pesada, no sentido de lidar com a complexidade e a responsabilidade infinita das nossas escolhas. Assim, a possibilidade é uma das categorias mais desafiadoras e profundas que podemos enfrentar, devido ao seu impacto profundo e contínuo em nossa vida e decisões, diferentemente da realidade que já está certa e dada. Mediante a essas incertezas e possibilidades, provocadas pela angústia e, considerando a fé, afirma o filósofo que “com o auxílio da fé a angústia ensina a individualidade a repousar na Providência” (Kierkegaard, 2017, p. 208). Abraão, cheio de fé e tomado pela angústia, testemunhou sua confiança total e *absurda* na

Providência. Acerca do drama de Abraão e os estádios precedentes ao qual se consumou a sua individualidade⁵, abordaremos nos tópicos seguintes.

Os estádios estético e ético na filosofia existencialista de Kierkegaard

Kierkegaard foi um filósofo da existência e um dos últimos modernos e, como tal, estudou acerca da *vivência*⁶ do homem (modos de vida) durante a sua *existência*. O existencialismo, ao qual o filósofo dinamarquês é precursor, consiste em uma corrente filosófica que se concentra na liberdade, na individualidade, bem como, na responsabilidade pessoal, de modo a explorar as angústias e os dilemas da existência humana. Nesse sentido, para Kierkegaard, a existência é concebida como uma experiência individual e subjetiva e, conseqüentemente, é intransferível e irredutível à objetividade do conhecimento. Por isso, a verdadeira essência da existência vai além do que pode ser articulado em palavras (Chauí, 1984). Por conseguinte, os esquemas particulares de conceitos (sobre o viver e o existir), tornam-se apenas possibilidades, cuja realização não está condicionada aos conceitos em si, mas sim ao Indivíduo, haja visto que aquilo que o Indivíduo realiza não depende de sua compreensão e conceitos, mas sim do que ele escolhe (Chauí, 1984). Acerca da escolha em Kierkegaard, afirma Marilena Chauí:

a noção de “escolha” constitui uma das idéias fundamentais da filosofia de Kierkegaard. Ela seria o próprio núcleo da existência humana. Para Kierkegaard, o ponto de vista hegeliano, segundo o qual a existência humana se desenvolve logicamente no interior de esquemas conceituais, não constitui apenas um erro intelectual, mas, sobretudo, uma tentativa de dissimular os verdadeiros fatos e rejeitar as responsabilidades implicadas pela escolha [...] Em outras palavras, para Kierkegaard não existem quaisquer razões lógicas que obriguem o homem a optar por esta ou aquela forma de vida (Chauí, 1984, p. 10).

Mediante o exposto, Kierkegaard, ao estabelecer uma filosofia da existência, voltada diretamente aos modos de vida (estádios), sendo os quais determinados pelas escolhas do próprio homem, rompe com os sistemas racionalistas, sobretudo, o de Hegel centrado na razão como condutora, determinadora da história do homem e que vê a vida sob a ótica *conceitual* (objetiva) e não *existencial* (subjetiva). Assim, a existência é condicionada pelas escolhas que são, por sua vez, uma expressão da liberdade humana que transcende a lógica, de modo a colocar o Indivíduo em um papel ativo e responsável na formação de sua própria existência, isto é, cada Indivíduo deve criar seu próprio sentido de vida e propósito na existência, enfrentando as incertezas e a angústia que vêm com a liberdade e as possibilidades de escolha.

Dentre as possibilidades de escolha, aquela que o homem assume e o modo em que a vive, define-se o estágio de vida ao qual ele se encontra e, conseqüentemente, são essas escolhas que configurarão a sua existência (Pinto, 2021). Os estádios propostos são o *estético*, *ético* e o *religioso*. Cada um possui

⁵ Categoria definida por Kierkegaard na qual se consuma a autenticidade do homem. No estágio ético (moral), embora o homem esteja sob condições e *normais universais*, a sua individualidade já se mostra presente aí, porém se torna mais autêntica na sua relação com Deus.

⁶ Embora os termos *vivência* e *existência* pareçam equivalentes, na filosofia de Kierkegaard, ambos assumem significados distintos. *Vivência* refere-se a uma parte da existência (estádio de vida), enquanto a *existência* é um conceito mais profundo que engloba as vivências, referindo-se ao ato de ser no mundo de maneira consciente e responsável, envolvendo decisões pessoais, angústia, liberdade e compromisso com a própria subjetividade e fé.

características próprias, porém, possui relações de proximidade e complementariedade entre si. Dentre esses três estádios, o religioso representa o auge da existência humana, no que diz respeito a realização existencial e a consumação do Indivíduo - autêntico e singular (Ericksen, 2019). No entanto, para alcançar esse estádio, o homem perpassa pelos demais. Nesse sentido, buscaremos nos próximos subtópicos, discutir as principais características dos estádios *estético* e *ético*.

O Indivíduo e sua existência configurados no estádio estético

O *estádio estético* tem como elemento norteador as paixões, isto é, caracterizado pelo hedonismo⁷, pois o esteta⁸ vive do gozo do prazer, desejos, sensualidade e interesses, “sem se importar, atentamente, com as consequências de seus prazeres, daí o indivíduo ‘deixar-se levar’ pelas contingências da vida” (Ericksen, 2019, p. 10). Com isso, o Indivíduo não apresenta um agir ativo e sim passivo, de modo que ele não escolhe diretamente, mas é escolhido pelas condições propensas que apenas envolvem prazer e uma existência hedonista (Pinto, 2021).

Além disso, nesse estádio, o homem busca o gozo do prazer de uma forma imediatista, pois compreende que cada momento é uma eternidade e como cada eternidade compreendida por ele é imediata, sua única busca é pelo prazer instantâneo. Devido a sua busca incessante por prazeres, o esteta é incapaz de estabelecer um ideal de vida ou um propósito duradouro que funcione como um guia para a sua existência. Sua vida é movida pela transitoriedade dos prazeres e das possibilidades, que, por sua natureza efêmera, não oferecem qualquer continuidade ou responsabilidade além do momento presente. Assim, a liberdade do esteta está limitada às coisas que lhe proporcionam satisfação imediata e suas escolhas refletem essa busca por prazer momentâneo, sem se preocupar com a construção de algo mais profundo e duradouro (Ericksen, 2019). Desse modo, constata-se que: “o esteta vive no instante, no momento fugaz, que ele tenta tornar eterno; mas o que ele acaba encontrando é o vazio, pois a verdadeira eternidade só pode ser alcançada pelo salto para fora da estética, em direção ao compromisso e à responsabilidade” (Kierkegaard, 2006, p. 122).

Assim, o esteta não se orienta por um ideal maior ou por um projeto de vida que possa dar sentido à sua existência, pois, em vez disso, sua liberdade é restrita ao campo das possibilidades imediatistas de uma vida de prazeres, na qual o compromisso e a responsabilidade são evitados. Consequentemente, “não havendo um compromisso duradouro com o que escolheu, o homem, nesse estádio, é incapaz de autodeterminar-se através de suas escolhas” (Pinto, 2021, p. 322). Ao eternizar cada momento de prazer, isto é, tornar absoluto o instante vivido na fugacidade do prazer, o esteta não está nenhum pouco preocupado quanto ao seu sentido existencial, tão pouco, em relação a sua estabilidade e singularidade enquanto homem, haja vista que não há o mínimo interesse em refletir acerca da sua existência e sua vida, mas puramente predomina a entrega às paixões. Pode-se dizer que o esteta ainda não assumiu a existência como tarefa. O comportamento do esteta leva a uma espécie de *frustração existencial*, pois nesse estádio, não

⁷ Este termo é muito usual por comentadores e estudiosos de Kierkegaard. No entanto, Kierkegaard, em nenhum momento se valha do termo “hedonista” para caracterizar o esteta.

⁸ Refere-se ao homem que se encontra no estádio estético.

alcançará o *eterno* ou o *absoluto*, permanecendo preso em um horizonte limitado de desejos fugazes.

Mediante a busca (*paradoxal*) pelo prazer, na obra *Diário de um Sedutor*, Kierkegaard se aprofunda na figura do esteta, através de Johannes, o qual personifica um homem cuja vida se resume à conquista e ao encantamento momentâneo. Johannes persegue incansavelmente a satisfação em prazeres imediatos, representados pela sedução de Cordélia, sua amada. Mas, assim como o esteta, ele se desinteressa logo que atinge o seu objetivo, ou seja, depois de conquistar o amor e a submissão emocional de Cordélia para si, a abandona, pois apenas buscava satisfazer seu desejo egoísta de poder e controle, sem a intenção de um relacionamento duradouro. Acerca da paixão de Johannes, o filósofo apresenta uma parte do seu drama:

é verdade que estou apaixonado, não há dúvida, mas não no sentido próprio, e a este respeito é também necessário ser muito prudente, pois as conseqüências são sempre perigosas; e só se está apaixonado uma vez, não é assim? Mas o deus do amor é cego e, sendo-se suficientemente astuto, é possível enganá-lo. No que se refere às impressões colhidas, a arte consiste em ser tão receptivo quanto possível, e em saber aquela que se produz sobre as jovens, bem como a que estas nos provocam [...] — eis o prazer, eis o que é a vida (Kierkegaard, 1984, p. 95).

Assim, o personagem Johannes adota uma postura estratégica em relação ao amor, tratando-o como um fenômeno estético e controlável, ao invés de um sentimento verdadeiro. Ele argumenta que, com astúcia, é possível manipular o amor, transformando-o em um jogo de sensações e alegria. Nesse jogo, o sedutor controla as reações emocionais sem se comprometer verdadeiramente. Esse comportamento revela uma atitude típica da esteta, que busca satisfazer seus próprios interesses sem se preocupar ou se responsabilizar pelo outro. Desse modo, o que diz ser o amor, passa a ser vivido como uma experiência fragmentada, calculada, focada no prazer imediato e múltiplo, refletindo uma visão utilitarista e egoísta do esteta nas suas relações e, com isso, mostra-se que “o esteta que age de modo egoísta é antes exterioridade do que interioridade e, assim, é incapaz de assumir o compromisso de tornar-se o Indivíduo” (Pinto, 2021, p. 322) Tal compromisso requer uma responsabilidade e seriedade em assumir a verdade interiormente como uma tarefa que se volta para si próprio. O esteta, no modo que vive, não é capaz de realizá-la. Ao se entregar às paixões desordenadas, na busca dos prazeres momentâneos, ele tenta realizar todas as possibilidades, mas tem-se que essas não lhe proporcionam mais do que uma realidade transitória e, “consequentemente, a busca estética de novidades conduz, em última instância, ao desespero” (Chauí, 1984, p. 11).

Quanto ao desespero, de um modo geral, na obra *O Desespero Humano* (1979), Kierkegaard abordou três formas possíveis do desespero, a saber: *o desespero inconsciente de ter um eu* (o que é o verdadeiro desespero); *o desespero que não quer* e *o desespero que quer ser ele próprio*. Todavia, ao atribuir considerações acerca de cada uma destas três formas, anteriormente, o filósofo explica o que é o ser humano: em linhas gerais, o Indivíduo é espírito e o espírito, por sua vez, é o Eu. Esse último é o ato da própria interioridade, ou seja, o Eu é uma relação que não se estabelece com outro senão consigo, excluindo o que é fora a si. Das três formas, Kierkegaard (1979), ressalta que a primeira (inconsciente de ter um Eu) se dá quando o homem desconsidera a sua própria condição humana no

que se refere à relação entre corpo e alma. As pessoas que experienciam a primeira forma de desespero não praticam sua existência de forma plena e optam por viver de uma forma mais agradável e pacífica. As demais formas se sintetizam a um estágio em que a pessoa entende toda sua condição, entretanto, distinguem-se a partir da forma que cada um porta-se a esta descoberta. O Indivíduo desesperado que não aspira ser ele mesmo é aquele que, em vez de defrontar o desespero que o alcança, escolhe por procurar outras maneiras exteriores ao seu ser com o propósito de se entreter desembaraçando-se de si mesmo.

Dessa forma, o desespero, em suas diversas manifestações, revela-se como uma crise existencial que surge do distanciamento do Indivíduo em relação à sua própria essência. Tanto o desespero inconsciente quanto as formas conscientes apontam para a incapacidade do ser humano aceitar plenamente a si mesmo e sua condição. É nesse contexto que surge a necessidade de uma transformação interior mais profunda, uma passagem que exige que o indivíduo saia da superficialidade da vida esteta, haja visto que o desespero é aquilo que impulsiona o homem a querer ou não querer ser a si mesmo. O desespero é aquilo que leva o esteta a sair do seu estado de torpor. Assim, o caminho para lidar com o desespero e sair do *estado de torpor* é justamente a transição para o estágio ético.

Entretanto, essa transição não ocorre de forma direta. Existe um *interessadío*⁹ entre o estético e o ético que é primordial, isto é, a ironia. É por meio dela que o Indivíduo começa a perceber a falta de sentido de sua existência meramente estética e a questionar o valor de seus prazeres imediatamente. O Indivíduo passa a ponderar se seu estilo de vida faz sentido e se as experiências que vivenciou realmente preencheram suas necessidades. A ironia, por sua vez, permite um exame de consciência sobre as atitudes que conduziram sua vida até o momento presente. Nesse sentido, a ironia é como uma ferramenta de distanciamento e reflexão crítica que permite ao esteta enxergar as limitações de sua própria vida, preparando-o para o comprometimento ético. A angústia, por sua vez, surge nessa transição. Não sendo algo negativo, mas sim, um sinal de que o homem está pronto para mudar. Ao sentir angústia, o Indivíduo é incentivado a refletir sobre suas escolhas e a buscar um propósito mais profundo. Assim, a ironia proporciona um espaço para que a angústia se manifeste. Sobre a ironia, Kierkegaard afirma que: a ironia não é apenas uma fuga da realidade, mas um meio de transcender as ilusões que o indivíduo estético constrói. Ela é a luz que brilha nas profundezas da alma humana, fazendo com que o indivíduo perceba a falta de sentido de seus prazeres e comece a caminhar em direção à seriedade ética (Kierkegaard, 2006, p. 237).

Nesse sentido, a ironia não se limita a uma forma de menosprezo e autodepreciação, mas atua como um elemento necessário de transição, no qual o Indivíduo percebe que o hedonismo e as paixões não são suficientes para fornecer uma existência plena. Por isso, a ironia acaba sendo uma *propulsora* para o despertar do esteta, permitindo-lhe continuar sua vida em direção aos princípios éticos, de reflexão e responsabilidade, haja visto que o *compromisso* e a *responsabilidade* passam a ser os novos parâmetros para sua liberdade e para a construção de uma vida ética (Kierkegaard, 2006).

O estágio ético e um novo redirecionamento na existência

⁹ Refere-se a uma fase de transição entre os diferentes estádios de vida; algo intermediário.

O *estádio ético*, por sua vez, tem como referencial a moral e, consequentemente, instaura os terrenos do dever e das regras universais (Chauí, 1984). Nesse estágio, há uma maior consciência de si, no qual o homem reconhece sua liberdade, faz escolhas conscientes e se compromete com valores morais. Nesse sentido, a consequência é uma indicação primordial, pois o homem passa a agir com um caráter mais reflexivo, de modo que as consequências de suas escolhas são frutos de um discernimento entre o bem e o mal (valores morais), diferentemente do estético, em que o mero interesse e a entrega a ele não têm a definição de ser bem ou mal (Erickson, 2019).

Kierkegaard (1984) aponta que no estágio ético, o Indivíduo *escolhe a si mesmo eticamente*¹⁰ e, assim, adota uma relação mais séria com a própria vida, compreendendo que suas escolhas não são apenas atos isolados, mas inseridos em um sistema de valores. Nesse sentido, o filósofo entende que “quando a escolha se torna realmente ética, o Indivíduo assume responsabilidades por suas ações, sabendo que cada escolha não diz respeito somente a si, mas também à ordem moral da qual faz parte” (Kierkegaard, 1984, p. 205).

Desse modo, o princípio da alteridade¹¹ (*o outro*) é um parâmetro a ser considerado na realização das escolhas, uma vez que, nesse estágio, o homem apresenta uma melhor consciência do seu papel e dever enquanto sujeito integrado a um sistema de valores que transcende seus interesses pessoais. O Indivíduo passa a compreender que suas ações têm implicações éticas e impactam diretamente a sociedade, a família e as instituições com as quais interagem. Kierkegaard reforça essa ideia ao afirmar que “o dever é a expressão do vínculo do Indivíduo com o universal” (1984, p. 206), destacando que suas ações individuais refletem na coletividade. Consequentemente, a responsabilidade se torna o núcleo de suas escolhas, orientando-se pela noção de dever, exigindo compromissos que sustentem a harmonia social e moral. Por isso, suas escolhas assumem a forma de dever e não ações isoladas.

Mediante a isso, constata-se que o Indivíduo é capaz de orientar sua própria existência, já que suas escolhas são responsáveis e tomadas a partir da reflexão, discernimento, regras morais e sociais. Além disso, o Indivíduo compromete-se a ter uma existência séria e respeitosa. A fim de exemplificar a moral do dever, na qual o Indivíduo é responsável por si e pelo outro, Kierkegaard, em sua obra *Ou-ou: um fragmento de vida* (2006), apresenta o casamento como concretização dessa moral, no qual o esposo é o estereótipo de um verdadeiro ético. Segundo Kierkegaard:

o dever é então a expressão do que o Indivíduo deve a si próprio, mas no casamento o dever é também aquilo que ele deve ao outro. No matrimônio, o dever moral transcende a individualidade e se torna um laço que une, exigindo renúncia e sacrifício por parte do esposo, para preservar a harmonia e o equilíbrio da relação (Kierkegaard, 2006, p. 135).

Nesse contexto, o esposo assume o compromisso ético não apenas consigo, mas também para com a sua esposa. Para manter uma relação saudável, o esposo

¹⁰ Significa que uma pessoa, ao se considerar como um ser livre, consciente e responsável, decida deliberadamente tomar as decisões de sua existência. Em vez de se deixar levar por prazeres ou impulsos imediatos (como no estágio estético), o Indivíduo faz escolhas baseadas em uma visão mais ampla e profunda de quem ele é e do que almeja ser.

¹¹ Refere-se à ideia de que o *outro* possui uma importância central nas relações humanas e deve ser reconhecido e respeitado na sua totalidade.

precisa estar disposto a fazer sacrifícios, o que envolve renunciar a interesses pessoais em favor do bem comum da relação. Esses sacrifícios são essenciais para preservar a harmonia e o equilíbrio do relacionamento, demonstrando compromisso e responsabilidade por ambos.

Assim, o homem vive dessa forma ética, cumprindo com os seus deveres morais, até o momento em que surge o conflito entre as exigências da individualidade e as exigências da universalidade, ou seja, há uma tensão entre tornar-se o Indivíduo e os valores universais e coletivos, o que impulsiona o Indivíduo a saltar para o estágio religioso. O arrependimento, apesar de ser um aspecto fundamental da ética, cria uma contradição que a ética não consegue resolver e essa limitação ética contribui ao homem buscar uma perspectiva religiosa que o ajude a superar tal *lacuna* (Chauí, 1984). Tal transição de estágio se concretiza por meio do *salto da fé*, isto é, do ato de coragem e a aceitação de se lançar na incerteza e aderir puramente ao compromisso pessoal com a fé.

Neste contexto, o humor surge como um *interestádio*, permitindo ao Indivíduo uma visão crítica sobre sua condição ética. Ao usar o humor, ele se distancia das frustrações da vida ética, possibilitando uma reflexão sobre suas limitações, haja vista que o humor permite a descoberta da falibilidade, mesmo sendo ético. Por isso, Kierkegaard explica que “o humor não é uma forma de frivolidade, mas uma forma de ver a vida que implica um reconhecimento da tragédia da existência humana” (Kierkegaard, 2006, p. 184). Assim, a angústia se manifesta como um sentimento de inquietação que surge quando o Indivíduo reconhece as limitações de sua vida ética e as falhas em suas decisões. Essa inquietação o leva a questionar o sentido de suas ações, criando um espaço para o humor surgir como uma forma de enfrentar as dificuldades. Desse modo, o reconhecimento das suas próprias falhas, bem como a insatisfação com a vida ética proporcionam a preparação do Indivíduo em direção ao salto da fé. Assim, o humor não apenas oferece alívio, mas se torna um elemento necessário para confrontar a realidade de sua condição de pecador, pois “o humor, em vez de ser uma forma de evitar a realidade, é uma forma de enfrentá-la, permitindo que o homem veja a sua condição com clareza, o que é essencial para a transição ao estado de fé” (Kierkegaard, 2006, p. 185). Por isso, a passagem do estágio ético para o religioso é mediada pelo humor como um *interestádio*, que exige coragem e disposição para aceitar a incerteza, levando o Indivíduo a um compromisso mais profundo com Deus.

A relação entre homem e Deus, no estágio religioso, à luz da obra *Temor e tremor*

Conforme discutimos nos tópicos anteriores, Kierkegaard interpreta a existência humana em estádios de vida, sendo o estético e o ético já abordados, com suas respectivas implicações. Nesse tópico discutiremos acerca do estágio religioso a partir da figura bíblica de Abraão à luz da obra *Temor e tremor*.

A vivência do homem no estágio religioso, pauta-se diretamente na fé que, por sua vez, implica em uma força que desafia tanto o plano ético quanto o estético, pois “a fé não constitui um impulso de ordem estética; é de outra ordem muito mais elevada, justamente porque pressupõe a resignação” (Kierkegaard, 1984, p. 136). A resignação infinita é vista como um estágio preparatório para alcançar a fé. Ela traz repouso, paz e consolação, mesmo em meio à dor, pois, esse estágio, a pessoa não se revolta contra as circunstâncias, mas as aceita. Somente após essa

aceitação é possível perceber o valor eterno do Indivíduo. Assim, a vida pode ser experimentada de maneira mais profunda e significativa. Acerca da resignação, Kierkegaard explica que: “é o último estágio que precede a fé, pois ninguém a alcança antes de ter realizado previamente esse movimento; porque é na resignação infinita que, antes de tudo, tomo consciência do meu valor eterno, e só então se pode alcançar a vida deste mundo pela fé” (Kierkegaard, 1984, p. 135).

Nesse sentido, Kierkegaard salienta que não é possível chegar à fé sem primeiro passar pelo processo de resignação, que envolve aceitar profundamente a vida e suas provações. Tal aceitação permite ao Indivíduo reconhecer que sua existência possui um significado que vai além das circunstâncias imediatas e é somente ao atingir essa consciência que se pode experimentar a vida de maneira plena através da fé. Assim, a fé se torna uma forma de viver no mundo com uma perspectiva que transcende os desafios e as limitações da vida cotidiana, permitindo uma conexão mais íntima e profunda com Deus, pois o homem finalmente se torna um Indivíduo através da fé. Abraão conseguiu alcançar tal profundidade para com Deus, pois justamente “abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé” (Kierkegaard, 1984, p. 118).

Para Kierkegaard, a fé não pode ser entendida por meio da razão, pois é algo que transcende a compreensão humana. Abraão, escolhido por Deus para ser o patriarca de uma grande nação, recebeu uma promessa divina que desafiava todas as expectativas humanas, isto é, mesmo em sua idade avançada e com sua esposa Sara que era estéril, Deus lhe prometeu (e concedeu) um filho. Esse filho, chamado Isaac, não foi apenas um descendente, mas se tornou, então, o *filho da promessa*, pois foi o herdeiro das promessas divinas de que todas as nações da Terra seriam abençoadas por meio de sua posteridade. Por conseguinte, Abraão é chamado por Deus a sacrificar seu filho, enfrentando uma escolha impossível aos olhos da razão humana, pois deve renunciar aquilo que mais ama em nome de uma promessa divina que parece contradizer as leis morais. Desse modo, nota-se que o sacrifício de Isaac não é apenas uma *prova de fé*, mas um desafio às capacidades racionais de Abraão, que deve suspender toda lógica e razão para obedecer a Deus. Como o próprio Kierkegaard argumenta:

Abraão era o eleito de Deus e era o mesmo Senhor que lhe infligia a provação. [...] Esse fruto magnífico tão antigo como a fé no coração do patriarca, e anterior em muitos anos a Isaac, esse fruto da vida de Abraão, santificado pela oração, amadurecido na luta, essa bênção nos lábios do pai, esse fruto, ia ser-lhe arrebatado e perder todo sentido: que sentido, na verdade, podia encerrar a promessa, quando se impunha sacrificar Isaac! Hora de tristeza essa, e ditosa apesar de tudo, em que Abraão levantando pela última vez a testa venerável, resplandecente como a do Senhor, deveria dizer adeus a tudo quanto amava [...] Porque Abraão deveria dizer adeus ao filho, permanecendo cá embaixo; separá-los-ia a morte, mas fazendo de Isaac a sua presa. No leito de morte, o ancião não podia estender alegremente a mão ao filho para o abençoar, mas, cansado da vida, erguer o braço sobre ele em gesto assassino. E Deus punha-o à prova. Desgraça! Desgraça para o mensageiro portador de tal notícia. Quem ousava ser o emissário de tão grande desolação? Mas era Deus que o punha à prova (Kierkegaard, 1984, p. 120).

Mediante o exposto, é possível perceber que a fé apresenta uma natureza paradoxal. Ora, a razão, baseada em princípios universais e racionais, diria que sacrificar um filho é uma violação das leis morais, entretanto, Abraão transcende essa lógica ao confiar plenamente em Deus, ainda que o resultado de sua prática não seja compreensível para os homens. Consequentemente, confirma-se que a fé é

uma contradição (paradoxo), pois exige que o Indivíduo vai além de tudo o que conhece e é nesse momento que o paradoxo se torna o coração da relação entre o homem e Deus, isto é, o homem deve abdicar de seu desejo de compreender para, paradoxalmente, alcançar a maior compreensão de todas, que é a íntima *comunhão* com Deus. Nesse sentido, Kierkegaard explica tal paradoxo: “inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque a fé começa precisamente onde acaba a razão” (Kierkegaard, 1984, p. 140).

A escolha de Abraão em não hesitar ou duvidar de Deus, mesmo diante de uma demanda tão absurda, é um testemunho de sua fé radical, haja visto que “Abraão acreditou sem jamais duvidar, acreditou no absurdo” (Kierkegaard, 1984, p. 120). Acreditar no absurdo é uma crença que transcende toda a lógica humana, aceitando situações que não fazem sentido nenhum à luz da razão. Por isso, “o movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo” (Kierkegaard, 1984, p. 130). Nessa direção, da qual a fé se move em virtude do absurdo, tem-se que Abraão não perdeu Isaac, mas ganhou uma relação mais profunda com Deus, por meio de sua disposição de sacrificar o que mais ama. Assim, a sua coragem de se lançar ao paradoxo revela a sua capacidade de aceitar a contradição, isto é, renunciar para receber (Kierkegaard, 1984). Sobre o movimento paradoxal da fé, em virtude do absurdo, Kierkegaard argumenta que:

pela fé, a nada renuncio: pelo contrário, tudo recebo, e, o que é mais notável, no sentido atribuído àquele que possui tanta fé como um grão de mostarda, porque então poderá transportar montanhas. É necessária uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de ganhar a eternidade; mas pelo menos conquisto-a e não posso, uma vez na eternidade, renunciar a ela sem contradição. Porém torna-se indispensável a humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absurdo, e esta coragem só a dá a fé. Por ela, Abraão não renunciou a Isaac: por ela, ao contrário, obteve-o (Kierkegaard, 1984, p. 137).

Mediante o exposto, Kierkegaard ressalta que, pela fé, o Indivíduo não perde nada verdadeiramente, mas tudo é devolvido de *forma transformada* e ao citar a metáfora do grão de mostarda, com seu poder de mover montanhas, ilustra a força e a amplitude da fé, isto é, aquilo que parecia impossível, como no caso de Abraão em sacrificar o seu filho, torna-se possível pela confiança em Deus. Por isso, Abraão, no momento de maior renúncia, não perdeu Isaac, mas o recuperou pela fé, revelando-se assim que a fé transcende toda a lógica humana e opera no terreno do absurdo, no qual o impossível se realiza. Nesse sentido, Abraão se torna um modelo do *cavaleiro da fé*, que aceita o absurdo da situação sem buscar justificativas ou alternativas racionais, mostrando que a fé autêntica exige renúncias e uma entrega total a Deus e, conseqüentemente, “o cavaleiro torna o impossível possível encarando-o sob o ângulo do espírito” (Kierkegaard, 1984, p. 134). Por conseguinte, é importante destacar que Abraão é chamado de cavaleiro da fé, em virtude da coragem e total confiança que teve ao submeter-se à vontade divina. Ele não tinha segurança no resultado, mas, pela fé, acreditava que Deus devolveria seu filho de alguma forma (*forma transformada*) e isso o mantinha sua confiança no impossível. É essa confiança inabalável que lhe confere o título de cavaleiro da fé. Abraão, ao se submeter à vontade divina, enfrenta a tarefa de segui-la e cumpri-la acima de qualquer coisa.

Nesse sentido, Abraão ao ser chamado a sacrificar seu filho Isaac, não age em nome de um bem comum ou universal, mas sim em nome da sua fé pessoal e única. Ora, na perspectiva da moralidade, natureza universal, diria que matar é errado, especialmente um filho, entretanto, na perspectiva da fé, Abraão se torna o único, pois não age em conformidade com o universal, mas em obediência ao particular; isto é, ao específico chamado de Deus para ele. Assim, Kierkegaard explica a tensão entre a moral e o religioso da seguinte forma:

sob o ponto de vista moral, a conduta de Abraão exprime-se dizendo que quis matar Isaac e, sob o ponto de vista religioso, que pretendeu sacrificá-lo. Nesta contradição reside a angústia que nos conduz à insônia e sem a qual, entretanto, Abraão não é o homem que é (Kierkegaard, 1984, p. 125).

Desse modo, do ponto de vista moral, a ação de Abraão é condenável, pois matar Isaac seria um assassinato, porém, sob a ótica religiosa, o ato é visto como um sacrifício obediente a Deus e, por consequência, essa contradição gera uma angústia profunda, pois Abraão deve suspender as normas morais universais em nome de uma fé absoluta. Para Kierkegaard, essa angústia, fruto das possibilidades do dilema entre o moral e o religioso, é fundamental para a grandeza de Abraão, pois ela contribui para definir Abraão como cavaleiro da fé. O patriarca enfrenta o paradoxo de agir contra a moralidade humana ao obedecer a uma exigência divina incompreensível. Isso demonstra que a verdadeira fé não exige apenas confiança em Deus, mas também a capacidade de transcender normas morais universais. Sem essa angústia, Abraão seria apenas um homem comum. Assim, é por meio da angústia que ele se eleva à singularidade da fé, que não pode ser explicada ou justificada racionalmente. Além disso, o cavaleiro da fé, por ser alguém que age com base em uma ordem divina que é única para ele, coloca-se em uma posição de isolamento, pois sua fé não pode ser explicada ou compreendida por aqueles que vivem no âmbito do universal. Conforme Kierkegaard explica: “aquele que, no isolamento da sua individualidade, age como Abraão, não é um herói ético, pois o herói ético age de acordo com o universal. Abraão, porém, age como um singular absoluto que se isola do universal, sendo por isso incompreendido” (Kierkegaard, 1984, p. 152).

A verdadeira relação com Deus é profundamente pessoal e singular, como nos mostra Abraão em sua entrega a Deus. Também é uma relação contrária às normas estabelecidas que gera uma tensão entre o aspecto universal e o individual. De acordo com Kierkegaard (1984), o indivíduo deve estar disposto a romper com o universal para seguir sua vocação divina e assim, ao olhar para a história de Abraão, constata-se a suspensão de tal moralidade a fim de corresponder totalmente ao pedido de Deus. Nesse sentido, Kierkegaard explica o caso de Abraão:

por meio do seu ato ultrapassou todo o estágio moral; tem para além disso um *telos* perante o qual suspende esse estágio [...] Não age para salvar um povo, nem para defender a idéia do Estado, nem sequer para apaziguar os deuses irritados. Se pudéssemos evocar a ira da divindade, essa cólera teria unicamente por objeto Abraão, cuja conduta é assunto estritamente privado, estranho ao geral. Assim, enquanto o herói é grande pela sua virtude moral, Abraão é-o por uma virtude estritamente pessoal (Kierkegaard, 1984, p. 144).

Assim, enquanto o herói moral se entrega para fins coletivos, como proteger um povo ou um Estado, Abraão se entrega por uma ordem divina que não possui

justificativa moral. De acordo com Kierkegaard, Abraão transcende o estágio moral ao suspender a obrigação universal de amar seu filho, em favor de uma orientação pessoal a Deus. Nessa suspensão teleológica da moralidade, seu ato se distingue, pois não se enquadra no geral. Consequentemente, não se justifica em termos morais ou coletivos. Se fosse moralmente justificável, estaria ligado a Isaac, representando a continuidade da moralidade tradicional. Entretanto, ao se colocar acima do geral, Abraão demonstra uma virtude puramente individual, revelando que a fé verdadeira envolve uma entrega inteira a Deus, mesmo que isso implique ir contra os valores universais da moralidade, e em tal rompimento do universal reside a singularidade da fé que permeia a relação do homem com Deus.

A singularidade da fé e da própria prova de Abraão é o que leva o patriarca a ser o cavaleiro da fé, porque ele cumpre o dever absoluto para com o Absoluto¹², que está além da compreensão humana. Por isso, “o verdadeiro cavaleiro da fé encontra-se sempre no absoluto isolamento” (Kierkegaard, 1984, p. 157), enquanto o herói trágico se exprime no geral e se sacrifica por ele. Desse modo, Kierkegaard explicita que “o cavaleiro da fé, é [...] o paradoxo, é o Indivíduo, absoluta e unicamente o Indivíduo, sem conexões nem considerações” (Kierkegaard, 1984, p. 157). Ou seja, o cavaleiro da fé é aquele que tem a sua autenticidade e singularidade consumada e não alguém que luta e age apenas para um *telos* de agradar ao geral, haja visto que “o herói trágico renuncia a si mesmo para exprimir no geral; o cavaleiro da fé renuncia ao geral para se converter em Indivíduo” (Kierkegaard, 1984, p. 155). Desse modo, sendo o cavaleiro da fé configurado como um *Indivíduo* tem o dever sério para com Deus. No caso de Abraão, esse dever é um compromisso absoluto que exige a total suspensão da moral, pois, conforme afirma Kierkegaard (1984, p. 50) “o que é ordenado por Deus não pode ser avaliado pelos critérios morais humanos”. Essa ideia implica que a relação de Abraão com o Absoluto é um chamado que exige uma resposta total e incondicional e, além disso, tal obediência ao chamado não é isenta de angústia e sofrimento. O dever absoluto de Abraão para com Deus coloca-o em um estado de profunda tensão, no qual ele deve equilibrar seu amor por Isaac com a necessidade de obedecer a Deus. Assim, a experiência de Abraão “não é uma experiência que se possa compartilhar; é uma solidão profunda, que só o crente verdadeiro pode compreender” (Kierkegaard, 1984, p. 135). Para o pensador, a solidão passa a ser uma consequência desse compromisso assumido por Abraão com o Absoluto.

A solidão, essencial à fé de Abraão, é manifestada no seu silêncio profundo e significativo, mantido desde o momento em que é posto à prova por Deus até o momento do sacrifício. Abraão guardou silêncio total¹³ perante Sara, sua esposa, e Eliezer, seu servo, bem como seu filho Isaac (Kierkegaard, 1984), pessoas do seu convívio e que estavam consigo durante todo o drama (dimensão do segredo).

¹² Refere-se a Deus, termo utilizado com o intuito de enfatizar Sua natureza transcendente e incompreensível, que está além das categorias humanas de entendimento e moralidade.

¹³ “Abraão não falou. Dele apenas foi conservada uma única frase, a única resposta dada a Isaac[...] Isaac pergunta ao pai onde está o cordeiro para o sacrifício. Abraão responde: *Meu filho, Deus prover-se-á ele próprio do cordeiro para o holocausto*” (Kierkegaard, 1984, p. 180). Quando Abraão abre a boca para proferir essas palavras, apesar de representar uma quebra do silêncio, isso não destrói a dinâmica de sua fé e do seu sofrimento. Ao falar, ele expressa sua confiança em Deus, mesmo diante da iminente dor de sacrificar seu filho. Essa frase, no instante que Abraão a proclama, é significativo porque ocorre em um contexto de pergunta, haja visto que, Isaac busca compreensão, e a resposta de Abraão é, em última análise, uma tentativa de tranquilizá-lo. Assim, mesmo ao quebrar o silêncio, ele o faz de maneira que reafirma sua posição de fé, ao invés de uma confissão de dúvida ou desespero.

Abraão não busca justificativas ou conselhos. Ele simplesmente obedece, haja vista que a sua relação para com Deus é tão íntima e pessoal que não há espaço para explicações ou discussões. Dessa forma, todo o seu agir se fundamenta no silêncio, pois a fé é uma vivência que não pode ser traduzida em palavras. Sobre o silêncio de Abraão, Kierkegaard argumenta que: “Abraão não diz uma palavra. Ele se cala. Não procura aconselhar-se com ninguém, não compartilha sua aflição com Sara, Eliezer ou Isaac. Sua fé é vivida no mais profundo silêncio, pois não há linguagem que possa expressar o que a fé contém” (Kierkegaard, 1984, p. 178).

Assim, o silêncio se torna o ponto culminante da relação entre o homem e Deus. Abraão, por sua vez, testemunha que a fé não precisa de palavras, pois é uma relação de confiança absoluta e a sua obediência é pautada na *quietude*, que revela um marco da profundidade de sua fé. A ação de Abraão é, assim, a manifestação da sua fé que, por sua vez, não se expressa em palavras, mas em atos e o seu silêncio é o testemunho da sua confiança em Deus, que não pode ser descrita, mas apenas vivida (Kierkegaard, 1984). Acerca desse dilema, Kierkegaard justifica que:

Abraão cala-se porque não pode falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo se discurso noite e dia sem interrupção. Tal é o caso de Abraão; pode dizer tudo, exceto uma coisa, e quando não pode dizê-la de maneira a fazer-se entender, não fala. A palavra, que permite traduzir-me no geral, é um apaziguamento para mim. Abraão pode dizer as coisas mais formosas a respeito de Isaac de que uma língua é capaz. Mas no seu coração guarda uma coisa muito diferente; esse algo mais profundo, que é a vontade de sacrificar o filho porque é uma prova. Não podendo ninguém compreender este último ponto, podem, no entanto, equivocar-se todos quanto ao primeiro (Kierkegaard, 1984, p. 180).

Desse modo, mostra-se que o silêncio de Abraão está intrinsecamente ligado à sua tribulação e angústia, capaz de mostrar a profundidade do conflito interno que ele enfrenta, pois apesar de ter as capacidades de expressar palavras sobre seu filho Isaac, a verdadeira essência do seu sofrimento reside na vontade de sacrificar o filho como uma prova de fé. Isso não pode ser comunicado de forma compreensível. Portanto, é justamente essa incapacidade de verbalizar seu dilema que gera uma intensa tribulação, pois ele se vê atormentado por uma escolha que o desafia, além disso, essa incapacidade aponta para o fato de que a existência não pode ser compreendida a partir da lógica e do conceito. A angústia que sente, também emerge dessa luta interna, acarretando uma ambiguidade mediante as possibilidades que tem, ou seja, Abraão está preso entre o desejo de proteger Isaac e a necessidade de obedecer a Deus, resultando em um silêncio que não é meramente ausência de palavras, mas uma expressão profunda da sua dor e solidão, sua opção. Por isso, esse estado revela o quanto o Indivíduo pode se sentir isolado diante de um absurdo, incapaz de compartilhar sua experiência com os outros, aprofundando ainda mais sua angústia (Kierkegaard, 1984).

Considerações finais

A problemática principal da pesquisa realizada neste artigo foi delimitada em torno da seguinte questão: quais componentes estruturam a relação entre o homem e Deus na obra *Temor e tremor*? Nesse sentido, nas linhas seguintes, pretendemos tecer algumas considerações a partir dos resultados da pesquisa.

Para o homem alcançar o estado religioso, fica evidente que a relação com o divino não surge isoladamente. Ela é moldada por experiências vividas nos estádios estético e ético da existência humana. Por isso, ao considerar a relação

entre os três estádios da existência - *estético*, *ético* e *religioso*, torna-se claro que a evolução do Indivíduo não é linear, mas um processo interligado. A angústia experimentada nos estádios anteriores ao religioso é um elemento essencial que prepara o terreno para a emergência da fé. A transição para o estágio religioso, por sua vez, não implica apenas uma mudança de foco, mas uma dimensão mais profunda do sentido da existência e da relação com o Absoluto.

Assim, a história de Abraão, como apresentada em *Temor e tremor*, não apenas exemplifica o cavaleiro da fé, mas também representa a angústia inerente à decisão de renunciar ao que mais ama, o seu filho Isaac, em obediência a uma ordem divina. Essa escolha absurda ilustra a tensão entre a fé e a moralidade, desafiando as convenções morais que regem a vida humana. Quanto a angústia que Abraão experimenta, ela não é meramente uma crise, mas uma manifestação da profunda luta interna entre a confiança absoluta em Deus, diante de tantas possibilidades. É justamente nesse contexto que a resignação se torna um passo preparatório para a verdadeira fé, pois ela é um estado em que o Indivíduo aceita a realidade da dor e da incerteza de sua escolha, permitindo uma abertura para a experiência transcendente.

O paradoxo, por sua vez, reside, sobretudo, no ato do sacrifício de Isaac, pois Abraão não apenas desafia as leis morais universais, mas também demonstra que a verdadeira fé exige uma relação íntima e pessoal com Deus. Quanto ao silêncio, diante da tribulação e da dúvida, revela uma profundidade que vai além das palavras, simbolizando que a relação direta entre o homem e o divino não precisa de justificativas ou explicações. Por conseguinte, o drama de Abraão, revela que na busca por uma compreensão mais profunda (da existência e de Deus), o Indivíduo deve estar preparado para enfrentar a angústia e a solidão que acompanham sua trajetória.

Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Kierkegaard: vida e obra**, 2ª Ed., São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1984. p. 7-13.

ERICKSEN, Lauro. Transições dos estádios da vida em Kierkegaard e suas perspectivas teológicas, **Veritas**, v. 64, n. 1, 2019.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário de um sedutor**. Traduzido por Carlos Grifo, 2ª Ed., São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **O conceito de angústia**. Traduzido por Álvaro Luiz de Montenegro Valls. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **O desespero humano: doença até a morte**. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Ou-ou: um fragmento de vida**. Tradução de Álvaro Hattner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Temor e Tremor**. Traduzido por Maria José Marinho, 2ª Ed., São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PINTO, Rodrigo Hayasi. A categoria do indivíduo e a possibilidade de uma ética cristã em Kierkegaard. **Revista Kínesis**, v. XIII, n. 35, p. 316-345, 2021.

Recebido em: 04/2025

Aprovado em: 12/2025